Originalmente publicado na Revista COOPEX/FIP (ISSN:2177-5052). 13ª Edição - Vol. 13 - Ano: 2022. No seguinte endereço: http://coopex.fiponline.edu.br/artigos

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA EM FACE DO DOMÍNIO PSICANALÍTICO: UMA REVISÃO NARRATIVA

Marcos Vitor Costa Castelhano[1]

Tanise Soares Linhares[2]

Ana Paula Gomes Cavalcante[3]

RESUMO

A violência é uma característica constitucional das interações humanas, tendo em vista que sua presença se encontra de maneira pertinente em diversos contextos socioculturais e históricos. Partindo de tal pressuposto, inúmeras perspectivas teoréticas começaram a desenvolver explicações sistemáticas perante a causa e o funcionamento da violência, buscando elucidar os fenômenos atrelados a tal espectro, estando entre tais vertentes: o domínio psicanalítico. Sigmund Freud, ao construir o pensamento psicanalítico, possibilitou a investigação do ser humano através do olhar da pertinência dos processos inconscientes, considerando os aspectos afetivos e pulsionais diante do funcionamento do aparelho anímico, edificando uma metodologia que ultrapassa o campo propriamente terapêutico, uma vez que adentra, em certos momentos, nas raizes socioculturais e civilizatórias das relações intra e interpessoais. Levando em consideração as características metodológicas e constitucionais da Psicanalise, percebe-se que a violência pode ser debruçada perante os elementos inconscientes e pulsionais incluídos no panorama psíquico. Nesse sentido, tal estudo busca investigar os fenômenos psíquicos expressos nos processos atrelados a violência, utilizaram-se obra freudianas que podem influir nesta temática, entre elas: Três Ensaios Sobre a Sexualidade, Mal-estar na Civilização, Psicologia das Massas e a Análise do Eu, Um Estudo Autobiográfico, entre outras. Além disso, explanaram-se artigos científicos, livros e capítulos de livros pautados em tal discussão, encontrados por via das plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo e PePSIC. Portanto, através da presente produção, vamos refletir sobre como os conhecimentos consolidados pela Psicanálise podem influir na compressão teleológica da violência em seus fenômenos idiossincráticos, indo além do superficial.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Psicanálise. Agressão.

ABSTRACT

[1] Graduado em Bacharelado em Psicologia no Centro Universitário de Patos (UNIFIP). Pós-graduado em Teoria Psicanalítica (FAVANI), em Psicopatologia (Faculdade Serra Geral), em Psicologia Clínica (FACEMINAS), em Saúde Mental (FAVENI). Mestrando em Ciências da Educação pelo World University Ecumenical (WUE).

[2] Graduada em licenciatura em Pedagogia pela UFPB, pós-graduando em Neuropsicopedagogia pela FACUMINAS.

[3] Graduada em licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú, detendo especialização em Supervisão Escolar e Orientação Educacional pelo UNIPÊ.

Violence is a constitutional feature of human interactions, given that its presence is relevant in different sociocultural and historical contexts. Based on this assumption, numerous theoretical perspectives began to develop systematic explanations regarding the cause and functioning of violence, seeking to elucidate the phenomena linked to this spectrum, being among such aspects: the psychoanalytic domain. Sigmund Freud, when building psychoanalytic thinking, made possible the investigation of the human being through the perspective of the pertinence of unconscious processes, considering the affective and instinctual aspects in the face of the functioning of the psychic apparatus, building a methodology that goes beyond the therapeutic field, since it it enters, at certain moments, into the sociocultural and civilizing roots of intra and interpersonal relationships. Taking into account the methodological and constitutional characteristics of Psychoanalysis, it is clear that violence can be addressed before the unconscious and instinctual elements included in the psychic panorama. In this sense, this study seeks to investigate the psychic phenomena expressed in the processes linked to violence, Freudian works were used that can influence this theme, among them: Three Essays on Sexuality, Civilization Discontents, Psychology of the Masses and the Analysis of the Me, An Autobiographical Study, among others. In addition, scientific articles, books and book chapters based on such discussion were explained, found through the digital platforms of Google Scholar, Scielo and PePSIC. Therefore, through the present production, we will reflect on how the knowledge consolidated by Psychoanalysis can influence the teleological compression of violence in its idiosyncratic phenomena, going beyond the superficial.

KEYWORDS: Violence. Psychoanalysis. Aggression.

1 INTRODUÇÃO

A violência representa uma das características constitucionais das interações humanas, tendo em vista que sua presença se encontra de maneira pertinente em diversos contextos socioculturais e históricos, influindo nas próprias dinâmicas visualizadas nos panoramas civilizatórios (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 2009). Partindo de tal pressuposto, inúmeras perspectivas teoréticas começaram a desenvolver explicações sistemáticas perante a causa e o funcionamento da violência em suas entrelinhas, buscando elucidar os fenômenos atrelados a tal espectro, estando entre tais vertentes: o domínio psicanalítico em suas preposições teórico-práticas (COTRIM; FERNANDES, 2011).

Sigmund Freud, ao construir o pensamento psicanalítico, possibilitou a investigação do ser humano através do olhar da pertinência dos processos inconscientes e dos carácteres de dimensão pulsional, considerando os aspectos afetivos e desejantes diante do funcionamento do aparelho anímico, edificando uma metodologia que ultrapassa o campo propriamente terapêutico, uma vez que adentra, em certos

momentos, nas raízes socioculturais e civilizatórias das relações intra e interpessoais, promovendo novas visualizações em face das entrelinhas expressas entre os sujeitos (FADIMAN; FRAGER, 1986; RIBEIRO, 1988; BRAGHIROLLI, 2010; FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015; AMORIM, 2016).

Levando em consideração as características metodológicas e constitucionais da Psicanalise em suas diretrizes básicas, percebe-se que a violência e pode ser debruçada perante os elementos inconscientes e pulsionais incluídos no panorama psíquico especificado, revelando que as noções ambientalistas e/ou comportamentais não seriam as únicas vertentes elucidativas defronte dos estudos e análises da agressividade no berço civil-societário, como expõe Cotrim e Fernandes (2011).

Seguindo o raciocínio acima, o presente estudo busca investigar os fenômenos psíquicos expressos nos processos atrelados a violência, utilizaram-se das obras freudianas que podem influir nesta temática, estando entre elas: Três Ensaios Sobre a Sexualidade (1905/1996a), Mal-estar na Civilização (1930/2012), Psicologia das Massas e a Análise do Eu (1921/2011), Um Estudo Autobiográfico (1925/1996), entre outras. Além disso, explanaram-se artigos científicos, livros e capítulos de livros associados a temática em questão por via da metodologia de revisão narrativa, tendo as plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo e PePSIC como principais fontes de pesquisa.

Portanto, através da presente produção, vamos refletir sobre como os conhecimentos consolidados pela Psicanálise podem influir na compreensão teleológica da violência em seus fenômenos idiossincráticos, indo além do superficial diante da valorização da dialética esboçada na suposta díade sujeito-civilização.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A VIOLÊNCIA EM UMA VISÃO CARACTEROLÓGICA

Antes de se adentrar de maneira mais específica nessa temática, deve-se ter mente que a violência é considerada, no panorama geral, uma execução da agressividade através de fins destrutivos e teleológicos, produzindo um comportamento intricado em um panorama intencional, apresentando algumas características específicas, a exemplo do planejamento executório na estratégia de sua aplicação, da

assimetria entre as relações diante de grupos e sujeitos e o prejuízo como resultante constitutivo e perspectivo (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 2009).

De uma maneira geral, a violência e as suas aplicações podem ser dirigidas através de duas vias específicas, sendo elas: a interna (para si) e a externa (para fora de si). Isto é, a agressividade destrutiva-intencional pode permear o campo direcional do próprio sujeito que a executa através de uma agressão auto-infligida, ou tal agressão pode ser dirigida para outrem, como um objeto localizado para fora de si, revelando variadas formas acionais dentro e fora dos campos físicos e/ou simbólicos em seus potenciais dinamismos (BOCK; TEIXEIRA; FURTADO, 2009).

Partindo pressuposto citado, observa-se que o espectro da violência permeia diversos campos e alvos, englobando também distintas formas de expressão em suas possiblidades comportamentais e ideativas, assim como apresenta Dahlberg e Krug na tabela a seguir:

Tabela1- Tipologias da violência diante de suas formas de expressão

Violência auto-infligida	Tal perspectiva está direcionada a utilização da agressividade destrutiva perante si mesmo em sua estrutura simbólica e/ou propriamente corporal. Algo que pode ser visto nos comportamentos masoquistas e na categorização do suicídio, considerando todas as atividades e atitudes pautadas na danificação e agressão a si mesmo em sua amplitude integrativa.
Violência interpessoal	Esta expressão de violência é dirigida entre os sujeitos em relações de proximidade ou de impessoalidade, tendo como exemplo: o abuso infantil, os maus tratos com idosos, a violência contra a mulher, entre outras. Nesse caso, a violência parte de um indivíduo

	para outro, diferenciando-se da modalidade anterior em que a agressão seria voltada a si mesmo.
Violência Coletiva	Refere-se ao espectro da agressividade destrutiva voltada aos âmbitos econômicos, políticos e social. Nesse contexto, essa modalidade de agressão e de violência englobaria as possibilidades grupais e formações coletivas, permeando dinâmicas generalizadas nos berços socioculturais.

Fonte: Construído a partir das argumentações de Dahlberg e Krug (2006).

Diante do exposto, avista-se que a violência expressa uma forma de agressividade perante uma constante destrutiva, englobando diversas formas de direcionamento, uma vez que suas causas e alvos variam diante do contexto especificado, enfatizando os processos de complexificação da agressão em sua natureza teleológica. Em outras palavras, os espectros da violência atingem os modelos intra e interpessoais, além de introduzir as elaborações coletivas nos meios socioeconômicos e nos sentidos políticos.

Além disso, Souza (2014) elenca que, em um panorama bordieuano, os contextos civilizatórios contemporâneos conservam aspectos simbólicos em face das entrelinhas da violência, dado que o *habitus* expresso nos comportamentos dos sujeitos evocam modalidades agressivas indiretas, influindo nas composições da comunicação em seus meios, revelando que a violência simbólica representa uma das diretrizes intrínsecas as sociedades atuais em suas amplitudes.

Para Cruz Neto e Moreira (1999), existe uma escalada da violência alimentada através das estruturas metropolitanas, influindo na própria expressão do imaginário coletivo dentro de uma constante drástica e quotidiana, existindo dificuldades na contemplação de estratégias de atuação significativas e assertivas em frente dos campos da assistência e nos meios de prevenção institucionalizados, observando-se uma tendência histórica que se torna cada vez mais uma questão de saúde pública.

A partir da discussão das possibilidades da direção agressiva, algumas teorias começaram a discorrer explicações constitucionais em face das causas da agressividade em seu panorama destrutivo, como pode ser visto na exposição abaixo:

Tabela 2- Perspectivas centrais sobre a violência

Modelo Ambientalista	Tal perspectiva está inserida dentro das concepções anti-inatistas, valorizando as teorias comportamentais diante da ontologia do ser humano em suas diretrizes aprendidas relacionadas aos estímulos ambientais. Tratando a violência como algo atrelado ao meio de convivência e as experiências pessoais, visualizando os pressupostos da agressão para além do campo biológico, uma vez que enfatiza os aspectos comportamentais-observáveis.
Modelo Pulsional-Instintivo	Esta visão permeia inúmeras teorias enfatizadas na pertinência dos elementos instintivos e/ou pulsionais diante dos sujeitos, tendo como um dos principais expoentes as postulações trazidas por Sigmund Freud, edificando uma noção de sujeito permeada dentro do campo pulsional, levando em consideração dos domínios dos processos inconscientes em sua potência contextual diante da vida mental.

Fonte: Explicitado através das preposições de Cotrim e Fernandes (2011).

Nos modelos supracitados, deduz-se que existem dois modelos concisos em voga defronte à possibilidade da agressividade destrutiva, revelando que os modelos de base pulsional, como a Psicanálise e seus domínios oriundos, vão de encontro com a dominação formativa dos elementos ambientais, visto que traduz a construção do psiquismo através do espectro pulsional e dos aspectos do inconsciente, enfatizando que as experiências e as constantes presentes no meio servem de plano de fundo para os investimentos psíquicos do sujeito em face do espectro da violência.

Para o próximo tópico, segue como os enfoques psicanalíticos poderiam contemplar a noção de violência, enfatizando a pertinência dos aspectos pulsionais e dos elementos socioculturais nesse processo, partindo do princípio de que os representantes pulsionais passam por variadas transformações em seus destinos, assim como explicita Freud (1915/2004).

2.2 A VIOLÊNCIA E O ENFOQUE PSICANALÍTICO

Para entender melhor como a Psicanálise enxerga os fenômenos da violência, deve-se ter mente que a importância da ideia de pulsão. O fator pulsional caracteriza a busca intrínseca da satisfação através do encontro com objeto, promovendo um processo de descarga das tensões (GARCIA-ROZA, 1995; FEIST; FEIST; ROBERTS, 2015). Nesse sentido, os freudianos comentam que as pulsões poderiam ser vistas através de quatro pontos de vista distintos e interacionais, sendo eles:

Tabela 3- As características das pulsões

Pressão	A quantidade de energia libidinal utilizada em um determinado processo e/ou contexto, variando diante dos panoramas especificados das atividades esboçadas pelo aparelho psíquico em suas instâncias constituintes.
Finalidade	Os objetivos ou metas associadas a todas as pulsões, voltando-se a descarga das tensões, ou seja, a

	promoção da retira da quantidade de energia libidinal acumulada em face do funcionamento psíquico do indivíduo.
Objeto	O elemento que permite a pulsão atingir a sua finalidade ou meta pulsional, ou seja, mesmo que a pulsão não surja com uma determinação objetal anterior, em panorama a priori, os elementos pulsionais necessitam de um objeto para atingir a sua meta, podendo abarcar a potência da descarga tensional.
Fonte	As pulsões são originadas por meio dos processos internos e das excitações somáticas do organismo nos primeiros anos do desenvolvimento psicossexual, revelando que a sua natureza psíquica-somática é intrínseca as formações, ao funcionamento e a própria constituição do sujeito desejante-pulsional.

Fonte: Edificada por via das construções de Fadiman e Frager (1986).

A partir do falado, visualiza-se que o domínio pulsional ultrapassa as limitações do instinto, uma vez que, como afirma Laplanche e Pontalis (2001), enquanto a pulsão não apresenta um objeto em específico, os instintos necessitam de um objeto de direção. Isto é, Freud (1905/1996a;1925/1996d), ao remodelar uma nova concepção de sexualidade, explica as diretrizes humanas a partir de fatores enfocados no desenvolvimento psicossexual e na importância do fator pulsional diante da formação subjetiva dos sujeitos, divergindo sua teoria explicações instituais.

Ainda não satisfeito com os rumos da ideia de pulsão, Freud (1921/1996b), em Além do Princípio do Prazer, categoriza o espectro pulsional em duas facetas singulares, sendo elas: a pulsão de vida e a pulsão de morte. A pulsão de via estaria voltada aos elementos do panorama sexual e de autoconservação (KUSNETZOFF, 1982; FADIMAN; FRAGER, 1986; HALL; LIDZEY; CAMPBELL, 2000; SCHULTZ; SCHULTZ, 2002; FEIST; FEIST, ROBERTS, 2015; MEDNICOFF, 2015), enquanto que a pulsão de morte é voltada aos elementos da compulsão à repetição, aos processos repetitivos e, em alguns casos, pode ser atrelada a agressividade (CHENIUAX, 2008).

Outro ponto pertinente diante dos campos relacionais, voltaria-se a pertinência dos aspectos psicológicos individuais-sociais englobados nos processos de identificação, girando em torno da compreensão das formações e expressões grupais, assim como esboça Freud (1921/2011), em Psicologia das Massas e a Análise do Eu.

Levando tais raciocínios para a ideia de violência, Bock e colaboradores (2009) trazem a ideia que a violência está englobada em um aspecto de desprazer diante da constituição da homeostase do psiquismo, trazendo prejuízos para estrutura total do sujeito. Em outras palavras, a violência é uma expressão de agressão envolta por afetos que estão atreladas a uma constante destrutiva, porém, Laplanche e Pontalis (2001) deixam claro que, os aspectos agressivos não devem ser resumidos a ideia de pulsão de morte em si, visto que esta categoria pulsional é primordialmente caracterizada pela compulsão à repetição.

Além disso, deve-se ter em mente que a violência, apesar de seu resultante individual-afetivo, também permeia o contexto sociocultural, tendo em vista que Freud (1930/2012), em Mal-estar na Cultura, revela importância da ideia de mal-estar defronte o conflito entre as pulsões do Id e as exigências civilizatórias, influindo na própria relação do sujeito consigo mesmo e com os demais de seu meio.

Partindo do pressuposto acima, o mal-estar poderia estar mais acentuado em determinados contextos sociais ou momento histórico específicos, tanto que dentro da visão pellegriniana a violência é visualizada como a quebra do *socius* entre os sujeitos, ou seja, a lise da conjuntura do tecido interpessoal no sistema civilizatório, gerando uma sociedade adjetivada pelos desencontros (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2009).

Por fim, avistou-se que a violência se relaciona com a denominação dos fenômenos agressivos, permeando uma constante de desprazer atrelada uma representação destrutiva e de mal-estar psicológico, demarcando uma determinada amplitude entrelaçada nas díades psíquico-somático e individual-coletivo diante do

processo subjetivo das expressões inconscientes, indo além da ideia de pulsão de morte em si.

CONCLUSÃO

Tal estudo objetivou visualizar o fenômeno da violência por via do olhar psicanalítico, revelando que tal fator ultrapassa o contexto individual-coletivo no sentido formativo, uma vez que engloba as instâncias voltadas ao sistema inconsciente, envolvendo também as diretrizes socioculturais em seus variados contextos de significação.

Além disso, observou-se que esse tema ultrapassa a perspectiva unilateral de natureza teórica, dado que a questão da violência abarca direta ou indiretamente os comportamentos dentro do campo civilizatório ao longo da história da humanidade, envolvendo os sujeitos em um espectro localizado em suas pulsões destrutivas voltadas a si mesmo ou a outrem.

Dentro desse raciocínio, argumentou-se que as resultantes constituintes atreladas as variadas formas de violência não se resumem as vicissitudes da pulsão de morte, tendo em mente que esta terminologia estaria enfatizada em outras formações psíquicas, entre elas os processos repetitivos e a própria compulsão à repetição, mesmo que tal aspectos mortíferos estejam associados a determinados tipos de expressões masoquistas, assim como menciona Freud (1924/1976).

Para estudos futuros, sugere-se modalidades de pesquisa mais aprofundadas, tendo como exemplo: revisões de caráter sistemático, pesquisa-ação, estudos de caso, entre outros. Em que, por via dessas perspectivas seria possível abarcar a temática em questão através de outras potências metodológicas, englobando cada vez mais variáveis e informações em face das expressões da agressividade e violência defronte dos conhecimentos e práticas do âmbito psicanalítico.

Finalizando, conclui-se que a denominação da violência abarca diversos elementos beirados entre as dinâmicas socioculturais e a constituição psíquica individual, indo além dos domínios pulsionais propriamente agressivos e/ou destrutivos, tendo em vista que os espectros da agressão permeiam variados modalidades intra e interpessoais, estabelecendo formas relacionais idiossincráticas em face do comportamento violento do sujeito em frente de outrem ou em vista de si mesmo.

REFERÊNCIAS:

AMORIM, Richard. **Filosofia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bernoulli, 2016.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Ed. Saraiva: 2009.

BRAGHIROLLI, Elaine Maria. **Psicologia Geral**. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 2010.

CHENIAUX JR, ELIE, **Manual de Psicopatologia**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

COTRIM, G.; FERNANDES, M. **Filosofar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga. A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, p. 33-52, 1999.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1163-1178, 2006.

FADIMAN, James; FAGNER, Robert. **Teorias da Personalidade**. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J.; ROBERTS, Tomi-Ann. **Teorias da personalidade**, São Paulo: AMGH Editora, 2015.

FREUD, S (1915). **Pulsões e destinos da pulsão**. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. I.

FREUD, S (1921). **Psicologia das massas e análise do eu**. In. S. Freud, Obras completas (P.C.L. de Souza, trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. (1925). **Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos**. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v.XX. p.77-170.

FREUD, S. (1930). **O mal estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto ALEGRE, RS: L&PM, 2012.

FREUD, Sigmund (1920). **Além do princípio de prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b

FREUD, Sigmund (1924). **O problema econômico do masoquismo**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana 3: Artigos de metapsicologia, 1914-1917: Narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1995.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade**. Artmed Editora, 2000.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. In: Introdução à psicopatologia psicanalítica. 1982.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand**. Vocabulário da Psicanálise**. 4ª edição. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2001.

MEDNICOFF, E. **Dossiê Freud**. São Paulo, SP: Universos dos livros, 2015.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Teorias e técnicas psicoterápicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu. **Ars Historica**, n. 7, p. 139-151, 2014.